**PRÁTICASINVENTIVAS COM A LITERATURA INFANTIL DE TEMÁTICA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA, OUTROS MODOS DE PENSAR E CRIAR**

Elidiana do Amaral Chaves - Ufes

**Resumo**

A presente pesquisa caminha por territórios formativos da Rede Municipal de Vila Velha- ES no desejo de problematizar acerca dos modos de pensar, criar e estar na formação docente como *práticapolítica*, com outros *saberespoderes* e resistências de lutas, trazendo a literatura infantil de temática africana e afro-brasileira como disparadoras de pensamentos. Assim, impulsionada pela metodologia da cartografia de Deleuze e Guattari, esta pesquisa em andamento se dá no/do/com cotidiano escolar na busca de mapear a força da literatura de temática africana e afro-brasileira na formação docente e nas experimentações curriculares de um centro de Educação Infantil, nos outros modos de ser e está no cotidiano escolar e nos processos culturais que atravessam essas vivências. Esta pesquisa aposta na literatura de temática africana e afro-brasileira como signo artístico para movimentar o pensamento, de modo a afirmar a potência da vida, reafirmando a diferença, os corpos negros e suas redes de pensamentos.

**Palavras Chaves:** Formação de Professores; Docência; Currículos; Processos Culturais.

**Resumo Expandido**

A presente pesquisa respira e dá fôlego à criação nas práticas dos docentes em uma Unidade Municipal de Educação Infantil – UMEI que está localizado em um bairro de Vila Velha – ES propondo problematizar com os(as) professores(as) sobre a literatura infantil com temática da Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) como signo artístico na formação docente: outros possíveis para uma *práticapolítica*, a fim de afirmar uma vida mais bonita, decente e plural no/do/com cotidiano escolar.

A literatura infantil para Educação das Relações Étnico-Raciais pode afirmar outros modos de pensar possibilidades de inverter a lógica de conteúdos colonizadores, possibilidades de mudar a rota e movimentar o pensamento com currículos praticados no cotidiano escolar, na construção das redes de solidariedade, em oposição a uma visão simplista e linear.

Nesse movimento, concordamos com Machado (2009), baseado nas ideias de Deleuze quando afirma que a literatura

diz respeito à intensidade, é uma captura de forças, e se a linguagem afronta “as figuras de uma vida desconhecida e de um saber esotérico” é porque não se trata de uma relação de representação entre o saber que ela cria e a vida, mas de uma síntese disjuntiva de heterogêneos. (p. 212)

A literatura nos dá acesso a capacidade de resistir as forças que as prescrições curriculares nos impõem, impulsionando outras invenções e diferentes novos modos de pensar a vida. A proposta desta pesquisa vai ao encontro da concepção de Alves, que destaca que é preciso compreender a complexidade da escola, para melhor atuarmos e influirmos naquilo que nela acontece – o processo pedagógico (Alves, 2002, p. 10). Inspirada por essa experiência, problematizo a literatura infantil de temática étnico-racial como agenciamento de desejo na invenção de outros currículos, desmantelando práticas que desumanizam as crianças.

Assim, será utilizada a cartografia de Deleuze e Guattari (2010) para trilhar caminhos via agenciamentos a habitar novos modos de viver. A cartografia é muito mais que um mapa, sendo atravessada com o real. Para traçar essas linhas de investigação cartográfica, é necessário acompanhar os processos. (Rolnik, 2016; Barros; Kastrup, 2009).

Na relação com o outro e por meio de práticas pedagógicas voltadas para pensar a literatura infantil de temática africana e afro-brasileira, não de modo didatizante, mas como um signo artístico, na arte de criar uma possibilidade de quebrar as representações impostas, focadas numa visão descolonizadora da escola e rompendo com ações racistas e visões eurocêntricas que, muitas vezes, marcam a vida das/dos crianças/estudantes.

Propomo-nos a investigar outros possíveis acerca dos desafios de se trabalhar as questões étnico-raciais no cotidiano escolar e as brechas que a literatura de temática africana e afro-brasileira, entendida como signo artístico possibilita. É necessário que as práticas curriculares na educação infantil rompam com estruturas racistas expressas no currículo oficial. É preciso problematizar, pensando as redes de solidariedade e acolhimento da criança em sua integralidade.

Assim, a literatura infantil de temática africana e afro-brasileira nos permite trabalhar, justificando nossa prática, pautada na Lei 10.639, de 2003 (Brasil, 2003), que institui o ensino da cultura e história afro-brasileiras e africanas. Além disso, a literatura infantil permite pensar práticas inventivas, de modo diferenciado, na tentativa de deslocar o pensamento das forças reacionárias.

Na ciranda desta pesquisa no cotidiano escolar, julga-se necessária a formação de professores para pensar o que se passa e se cria nesse *espaçotempo* de *aprenderensinar* acerca da educação para as relações étnico-raciais. Percebe-se que é no cotidiano escolar que tudo acontece, assim buscamos realizar a pesquisa na escuta dos(as) professores(as) nesse *espaçotempo,* identificando pensares emancipatórios que são tecidos coletivamente.

O encontro com os(as) professores(as) proporcionará um diálogo que contribuirá para pensar os desafios atuais da escola e criar reflexões pautadas em uma escola mais plural e diversa. Para Carvalho (2009)

[...] Os bons encontram aumentam a nossa potência do agir. Desse ponto de vista, a posse formal dessa potência do agir e igualmente de conhecer emerge como finalidade principal e, então, a razão, em vez de flutuar ao acaso dos encontros, deve procurar unir as coisas e os seres cuja relação se compõe diretamente com a nossa. (Carvalho, 2009, p.75)

Como mulher preta, professora engajada, na pesquisa busco contribuir para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que fogem da lógica eurocêntrica, alinhadas às demandas e desafios contemporâneos da educação. Diante da subjetividade condicionante, nos cabe problematizar as bases epistemológicas e repensar a formação docente para o ensino da história e cultura negra. Munanga (2009) enfatiza que

[...] precisamos entender melhor como o racismo opera, desvendando suas raízes intelectuais e demonstrando ponto por ponto a sua dinâmica e metamorfose contemporânea (Munanga, 2009, p. 12).

Nessa perspectiva de movimentar o pensamento como a literatura de temática afro-brasileira e africana contribui para pensar uma educação antirracista, destaco a formação continuada dos(as) professores(as) como fundamental para o rompimento da visão monocultural da escola e para construir práticas educativas em que a questão das diferenças se faça cada vez mais presente (Candau, 2014).

Ainda, considero importante a reflexão sobre a aplicabilidade das leis nº 10.639/03 (Brasil, 2003) e 11.645/08 (Brasil, 2008) às orientações advindas das relações étnico-raciais, que promovem políticas e programas voltados para a melhoria da qualidade da educação, em nível mais plural e coletivo. Também busco me orientar, por meio de manifestações e posicionamentos de entidades educacionais e movimentos sociais que defendem a educação como um direito humano fundamental e lutam por uma educação mais inclusiva, plural, equânime e democrática.

Entende-se que, para ampliar possíveis outros com a literatura infantil de temática afro-brasileira e africana, é necessário um processo formativo que se caracterize pela humanização das trocas e partilha de experienciações uns com os outros. Isso inclui a compreensão pós-moderna do currículo como um espaço político de construção de conhecimento e identidade, onde diferentes visões de mundo se entrelaçam. Assim destaca Carvalho (2009) que:

[...] o currículo constitui-se por tudo aquilo que é vívido, sentido, praticado no âmbito escolar e que está colocado na forma de documentos e escritos, conversações, sentimentos e ações concretas vívidas/praticadas pelos praticantes do cotidiano (Carvalho, 2009, p. 178).

A perspectiva de currículo como um processo dinâmico e contextualizado, influenciado por questões históricas, sociais e culturais, será um elemento central da abordagem da pesquisa, apostando assim na articulação entre docência, currículos e processos culturais. Entende-se como docência:

[...] docência inventiva, menos baseada em processos de recognição, produzida por meio de modos coletivos de conversação e ação de professores, vívidos no plano de imanência da micropolítica no/do/com os cotidianos escolares em redes de fabulação [invenção] (Carvalho; Silva; Delboni, 2022, p. 10)

Também pretendo investigar a formação de professores como um processo contínuo e reflexivo, que envolve não apenas o domínio de conteúdo, mas também a compreensão das relações de poder e a promoção de uma educação crítica e emancipatória. Esses conceitos são essenciais para pensar os processos culturais de modo contextualizado com a docência e o currículo, e estarão presentes ao longo do desenvolvimento da pesquisa. Lopes (2013) dialoga com os processos culturais na perspectiva dos contextos socioeconômicos, históricos e culturais que afetam o cotidiano escolar e destaca que as relações de poder, nas quais o conhecimento se entrelaça com o discurso sempre provisório, afeta esse cotidiano.

A partir desses conceitos, pensar o cotidiano escolar como movimento é pensar sobre os processos de subjetivação que

não são centrados em agentes individuais, são produções sociais e coletivas, são efeitos de relações, encontros e afetos com o mundo. “[...] a subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro social” (Guatarri; Ronilk, 1996, p.31).

Para não concluir, destacamos a força dos processos formativos, que continuam a resistir a ações racistas e conteúdos colonizadores. Acreditamos que os territórios formativos são espaços de lutas, que atravessam a docência, muitas vezes influenciada por políticas lineares e governamentais alinhadas ao pacto da branquitude de nos invisibilizar. Defendemos a produção de práticas políticas inventivas de afirmação da vida, valorização da diferença e que celebrem a potência dos corpos negros. Essas práticas estabelecem a força de um corpo coletivo, construindo formas de luta, (re)existindo o currículo da colonialidade e criando redes de solidariedade.

**Referências**

ALVES, Nilda. **O Sentido da Escola.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos**.** In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 52-75.

BRASIL. **Lei nº 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Seção 1, p. 1.

BRASIL. **Lei n. 11.645**, de 10 de março de 2008. Altera a lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 11 mar. 2008.

CANDAU, Vera Maria. Educação intercultural: entre afirmações e desafios. In: MOREIRA, Antonio Flavio; CANDAU, Vera Maria (Orgs.). **Currículos, disciplinas escolares e culturas**. Petrópolis: Vozes, 2014.

CARVALHO, Janete Magalhães. **O cotidiano escolar como comunidade de afetos.** Petrópolis, RJ: DP et Alii; Brasília, DF: CNPq, 2009.

CARVALHO, Janete Magalhães; SILVA, Sandra Kretli da; DELBONI, Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera. **Docências em narrações cristalinas transversalizando como sujeitos do conhecimento: o homem, a natureza e a tecnologia.** Educar em Revista. 2022. ISSN: 0104-4060. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=155070813025>. Acesso em: 11 mai. 2024.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Ed. 34, 2010, 272 p.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica cartografias do desejo**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

LOPES, Alice Casimiro. Teorias pós-criticas, política e currículo. **Educação, Sociedade e Culturas**, n. 39, p. 7-23, 2013. Disponível em: <https://ojs.up.pt/index.php/esc-ciie/article/view/311> . Acesso em 11 mai. 2024.

MACHADO, Roberto. **Deleuze, a arte e a filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. 2.ed. Porto Alegre: Sulinas, 2016.